

# I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

## A cidade, as crianças e os animais: Uma disciplina amparada pelo paradigma emergente?

Vânia Alves Martins Chaigar – Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Ivana Maria Nicola Lopes – Universidade Federal do Rio Grande - FURG

### Resumo:

Apresenta reflexão sobre processos que geraram a disciplina *A cidade, as crianças e os animais* do curso de pós-graduação *stricto sensu* em educação da FURG. Desdobra-se de investigações realizadas por estudantes de Pedagogia de Rio Grande e São Leopoldo, RS, ao longo de alguns anos. Pesquisa realizada na Universidade do Vale do Rio dos Sinos coordenada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marita Redin buscava analisar como as crianças compreendiam e se relacionavam com a cidade. Simultaneamente na Universidade Federal do Rio Grande, licenciandos, mediante imersão na cidade, procuravam significar memórias e narrativas como forma de aproximarem-se de epistemologias plurais e conhecimentos invisibilizados. Avaliamos esses materiais e observamos que a cidade é qualificada conforme os tratos que são conferidos aos animais (humanos e não humanos). A reflexão gerou trabalhos acadêmicos e a disciplina. Esta gira em torno de epistemologias e paradigmas emergentes sobre a relação cultura e natureza, animais humanos e não humanos. Nessa direção tem tido atingido demandas de sujeitos oriundos de movimentos em defesa dos animais e professores de escolas especiais e dos anos iniciais, indicando a emergência da questão para jovens educadores. Estimamos que o espaço gere pesquisas, ações, propicie encontros alternos e experiências relacionais amparados em paradigmas menos antropocêntricos.

**Palavras-chave:** Cidade; Crianças; Animais.

Eu não amava que botassem data na minha existência. A gente usava mais era preencher o tempo. Nossa data maior era o quando. O quando mandava em nós. A gente era o que quisesse ser só usando esse advérbio. Assim, por exemplo: tem hora que eu sou quando uma árvore e podia apreciar melhor os passarinhos. Ou: tem hora que eu sou quando uma pedra. [ ] tem hora eu sou quando um rio. E as garças me beijam e me abençoam. Essa era uma teoria que a gente inventava nas tardes. (BARROS, 2008, p. 113).

### Tem hora que eu sou quando... Evocamos memórias sobre nossos passos

Animadas pela poética de Manoel de Barros e pelos desfazer de uma gramática que privilegia os seres em detrimento das coisas e das ordens, mesmo num tempo que pouco mostra o que comemorar (ou talvez por ele), inventamos de enveredar por lugares, pelos quais possamos exercitar o que ainda temos de humano em nós, seja na docência em sala de aula, nas parcerias em projetos, nos espaços formais ou informais de educação pelos quais circulamos em nossos cotidianos.

Nessa direção nos aventuramos em projetos que tomam a cidade como cenário e palco privilegiado de ações educativas – a cidade como protagonista. Temos como aporte principal o conceito de cotidiano e de leituras da cidade amparadas em Certeau (1996,

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES**

1998). O autor entende haver uma série de “invenções cotidianas” produzidas por quem, aparentemente, seria um mero “consumidor” de políticas instituídas. Diz-nos o autor: “o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente” (CERTEAU, 1996, p. 31).

O presente é o que temos, nele nos posicionamos em conformidade com nossa cultura, memória, história de vida, relação com o conhecimento, com os outros seres, com a cidade. Nela na condição de “praticante”, reinventamos nossos passos e percursos, criamos linguagens e uma “língua espacial” que lê e escreve a cidade por onde passamos (CERTEAU, 1998). Então são feitas tantas leituras da cidade quanto forem as línguas inventadas pelos cidadãos/praticantes! Em nosso caso desejamos que olhares também sejam reescritos/reinscritos e, a partir disso, derramem sobre a cidade outras maneiras de olhar e, conseqüentemente, experienciar com plantas, águas, pedras, animais humanos e não humanos. Daí – quem sabe? – outros convívios sejam possíveis.

Aliás, foi o escritor José Saramago que alertou para algumas distinções entre olhar e ver, acrescentando, para além deles, o verbo reparar: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”. A reflexão do autor em “Ensaio sobre a cegueira” deixa claras distinções conceituais e filosóficas sobre a questão: reparar parece ser um grande repto aos sentidos. Posteriormente, Saramago escreveria em seu blog:

Quando eu era pequeno, a palavra reparar, supondo que já a conhecesse, não seria para mim um objecto de primeira necessidade até que um dia um tio meu (creio ter sido aquele Francisco Dinis de quem falei em *As pequenas memórias*) me chamou a atenção para uma certa maneira de olhar dos touros que quase sempre, comprovei-o depois, é acompanhada por uma certa maneira de erguer a cabeça. Meu tio dizia: “Ele olhou para ti, quando olhou para ti, viu-te, e agora é diferente, é outra coisa, está a reparar. (SARAMAGO, 2015, n.p.).

Dessa explicação simples, porém difícil de ser exercitada em meio a excessos, indiferenças e dispersões, pensamos, entretanto, estar localizadas experiências e vivências relevantes a modos de ser e estar na cidade. Como forma de exercitar discentes de licenciaturas, na graduação, fomentamos o “ensino com pesquisa” (DEMO, 2009), capaz de gerar interrogações, dúvidas e interlocuções, além de um ambiente de aprendizagem vivo e interativo. Neste caso o tema recorrente é a cidade. Na licenciatura em Pedagogia, na FURG, foram desenvolvidos os seguintes projetos nos últimos anos: *Memórias, lugares e a cidade* (2009-2010); *A qualidade do tempo-espço das crianças riograndinas* (2012);

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES**

*Experiências riograndinas na contramão da barbárie: leituras da cidade por licenciandas de Pedagogia* (2013); *Culturas, tempos e espaços invisíveis em Rio Grande* (2014).

Paralelo a esse trabalho transcorreu o projeto de ensino *A (des)educação do olhar*, voltado para turmas de diferentes licenciaturas, cujo objetivo principal foi proporcionar vivências estético sensíveis, através de viagens, interações com Mostras, Museus, Casas de Cultura e outros espaços de cultura e memória, bem como análises de filmes, obras literárias, documentários, etc. Na base dessas experimentações está a “estesia” em oposição à “anestesia” (DUARTE JR, 2002), que coloca nossos sentidos e sentimentos a favor da construção do humano. Ademais é uma provocação a uma abertura sobre o conceito de cultura(s), pois “o amontoado de elementos e estímulos do mundo é organizado numa estrutura significativa, que diz respeito aos valores da existência. A criação da cultura é, conseqüentemente, um ato da imaginação humana” (DUARTE JR, 2002, p. 51).

Criar cultura significa manter nossa imaginação criativa intacta: eis um desafio em meio às pasteurizações e naturalizações que, aos poucos, banalizam o olhar.

O projeto *flutua* conforme os momentos acadêmicos, o ano letivo e os grupos, mas de uma forma ou de outra se faz presente na formação de licenciandos.

Um dos exemplos que se pode dar da flutuação da qual nos reportamos, é o grupo de doze (12) bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID da nossa Universidade que estão vinculados ao projeto *O ensino das Artes Visuais: para quem e para quem? A arte como campo de reconhecimento e conhecimento de si*. O projeto em questão teve início em março de 2014 e prevê sua continuidade. Os licenciandos trabalham com duas escolas de ensino fundamental na cidade do Rio Grande no sul do estado (RS). O tema central é o patrimônio imaterial e por conseqüência, as noções de identidade e pertencimento são assuntos recorrentes. Interessante notar que ao trabalhar com este tema, os próprios acadêmicos se questionam sobre suas origens, sobre as narrativas familiares que compõe seu universo. Os alunos das escolas, por sua vez, sentem-se valorizados, na medida em que são *provocados* a buscar com seus familiares uma receita da avó, um remédio caseiro que a mãe fazia, os relatos dos vizinhos sobre alguma figura folclórica ou mesmo a figura de um ser *errante* que andava pelo bairro, como um cachorro solitário.

Observamos que os alunos absorvem a idéia de que somos todos importantes na construção da vida urbana e que a cultura de cada um deve ser respeitada e é obra de todos. As histórias, portanto, da família e da comunidade são valorizadas o que gera a idéia de pertencimento tanto do local em que vivem quanto de verem-se como sujeitos que habitam

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES**

e são parte importante da cidade. Do mesmo modo, a memória das coisas, dos fatos, dos acontecidos familiares volta a reluzir ao sair do esquecimento e se anima, pois mais alguém *reparou* nela. As recordações são parte do histórico familiar e devem ser relembradas, levando em conta que *recordis significa tornar a passar pelo coração*, como tão bem refletiu Eduardo Galeano em *O Livro dos Abraços*.

Dessas interlocuções de licenciandos com a cidade foi sendo gerada a disciplina *A cidade, as crianças e os animais*. Serenamente, pacientemente, articulada como uma decorrência das experimentações narradas, mas também, de nossa relação com os animais. Desde muito tempo temos nos dedicado ao convívio com animais não humanos, especialmente os domésticos: cães e gatos. Como pessoas amigas e parceiras, as autoras deste texto, comungam de relatos<sup>1</sup> como os testemunhados abaixo:

Não saberia dizer aqui o número de animais que já passou pela minha residência, seja pela adoção, pelo acolhimento emergencial, por estadas provisórias ou, mesmo, como simples visitas, como o gato Narizinho, amigo querido, que vinha a minha casa, todos os dias, para ser alimentado, mas especialmente, mimado, pois às vezes, só ficava a me olhar, ronronar e tirar um cochilo no telhado sob a janela do escritório. Teve sua vida ceifada violentamente por um motorista em alta velocidade que sequer parou para assumir seu ato. O acontecimento levou-me a escrever uma carta intitulada “Colina do Sol vive dias de “trucida” gatos”, publicada no *Jornal Diário Popular*, em setembro de 2014. Dores como essa são parte dessa relação de amizade e autoconhecimento construída por mais de duas décadas com animais não humanos urbanos. Atualmente oito gatos (Lua, Chiquinha, Beto, Susi, Luluzinha, Nando, Cora e Miranda) e cinco cães (Smile, Nica, Gorda, Bob e Alemão) dividem suas vidinhas com a minha e a de meu companheiro. Juntos inventamos a nossa!

Um tênis Adidas, uma carta de amor com assinatura ilegível, dez vasinhos com flores de plástico, sete bolas coloridas, um delineador de cílios, um batom, uma luva, um gorro, uma velha fotografia de Alan Ladd, três tartarugas ninja, um livro de contos, uma maraca, catorze prendedores de cabelo e alguns carrinhos de brinquedo formam parte do butim de uma gata que vive no bairro de Avellaneda e rouba nas vizinhanças. Deslizando-se por sótãos e telhados e calhas, ela rouba para o filho, que é paraplégico e vive rodeado por essas oferendas espúrias. (GALEANO, 2004, p. 32).

---

<sup>1</sup> Neste movimento as narrativas estão na primeira pessoa do singular, para preservar o caráter singular das mesmas.

## I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

Com esse belo escrito do autor uruguaio, de seu livro “Bocas do Tempo”, inicio a este escrito, pois ele sintetiza o amor e o respeito que temos pelos seres de outra espécie, além de ser um testemunho de que não temos a supremacia da sensibilidade ou do afeto...

Assim como minha colega de profissão e amiga que o mundo me ofertou, tenho muitas histórias com crianças e seres de quatro patas urbanos, pois habitam - efetivamente - os cantos, as vielas, os matagais, as ruas e as sarjetas da urbe contemporânea, ainda que sejam invisíveis em quase sua totalidade. Ninguém os *repara*. Mas aqui, gostaria de lembrar um dos casos mais recentes de carinho e afeição para com eles. Há muito tempo que alimentos cães comunitários, aqueles que, embora não tenham residência fixa, são tratados e alimentados por vizinhos de uma mesma quadra. Dentre eles, a figura de Senhorinha e de Branca se sobressai. Todas duas tiveram seus filhotes que logo foram doados (filhotes são graciosos!) e elas foram castradas e permaneceram a morar em nosso quarteirão. Branca, muito reservada e indócil, desde que seus filhos foram levados. Ela não faz parte do coletivo, vive na esquina e quem a trata é um senhor, operário da fábrica por quem ela tem apreço. Do mesmo modo, nos dias de sol, fica junto com outros trabalhadores. Eles lhe oferecem comida e ela a aceita. Branca é muito desconfiada com humanos e por raras vezes chegou perto de mim. Desconfiança esta, produzida desde que levaram seus filhos.

Assim como Branca, Senhorinha teve seus filhotes praticamente na mesma época, porém ela ficou com Preto, que não foi doado. Assim, criou-se uma família: Senhorinha, Preto e mais tarde chegou Mel e o Pretinho. Sempre juntos, não se desgrudavam nunca. Todos muito, muito carinhosos, entre si e com os humanos. No entanto Senhorinha era a que comandava a turma, a matriarca e todos a respeitavam, inclusive a Branca. Senhorinha quando me via, tentava sair correndo para receber um carinho, me olhar com seu olho triste e pedir com a pata mais cafuné. Reparávamo-nos. Quantas vezes ela me acompanhou na fruteira, no mercado com seu passo incerto? Quando os meus iam para o canil, ela entrava de forma rápida em minha casa, ia até o pátio, cheirava os potes de comida, como se estivesse a inspecionar tudo. Ela tomava sol na calçada e não deixava ninguém passar que fosse, para ela, um possível perigo. Ela também era muito solidária. Quando deixavam algum resto de ração, vinham os pombos para comer e ela não se importava, creio que gostava de observá-los. Certo dia não a vi. Nem escutei seus latidos e na manhã seguinte, soube que morreu. O pior é que não foi por estar com idade. Alguns dizem que ela morreu a pauladas por um grupo de adolescentes. Outros, que fora atropelada por um carro em alta

## I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

velocidade. Esta morte me doeu muito, pois ela não merecia uma coisa tão estúpida e bárbara. Extremamente dócil, era um ser muito especial. Senhorinha sempre será lembrada por mim e por todos aqueles com os quais ela conviveu durante muito tempo. Senhorinha também é o exemplo da maldade e da falta de respeito que o homem, com o “telencéfalo altamente desenvolvido e polegar opositor”<sup>2</sup> é capaz de fazer contra aqueles que julga inferior. Que estão aí pelas ruas para serem chutados, queimados e vilipendiados em sua integridade física. Para descontar as raivas e decepções. Talvez aqui resida a nossa luta, a de levar através de nossas práticas pedagógicas, uma mensagem de respeito para com aqueles que não possuem voz para dizer basta.

Também gostaria de falar de minha grande família. Hoje, além dos meus quatro seres que a vida me deu, há um agregado chamado Ruivo. Sim, ele é ruivo, de pelo avermelhado e de olhos azuis esverdeados. Já estava com um grande labrador chamado Otto, mais Nina Simone resgatada das ruas toda rosa devido à sarna que encobria seus lindos pelos brancos, Mazel Tov o filhote de pata quebrada, pois uma bicicleta não viu aquela bolinha rastejando na sarjeta e Chico um lhasa-apsó que jogaram fora. Então Ruivo surge, literalmente na frente de minha casa, quase degolado, a sangrar muito. Não tinha como não reparar. Como fazer vista grossa para alguém ferido? Assim, levei-o para a veterinária. Quando sarou foi castrado. Pensava que alguém poderia adotá-lo e enquanto isso, ele dormia em um colchão no pequeno hall de entrada de minha casa. Uns meses depois, ele acabou entrando na casa e... lá está até hoje.

Sentimos necessidade de expressar nossos olhares e gestos a la Palomar<sup>3</sup>, ao lançar soslaio aos cantinhos da cidade que poucos se dão ao trabalho de *reparar*. Desses lugares, não raro, também jazem escondidas sobras de humanidade. Nos entremeios dessas experiências animais foram sendo construídas maneiras docentes de ser e práticas pedagógicas mais próximas – desejamos supor - de paradigmas como o da “ternura” (RESTREPO, 2000). Na intenção de contrariar o modelo mais conhecido, diz-nos o autor:

Tanto o homem como a mulher, o menino ou o ancião, estão tentados por símbolos culturais inimigos do encontro terno, que ao regulamentar suas condutas, aspirações e convicções, levam-nos a aplicar na vida diária a lógica arrasadora da guerra. Mais que uma atribuição de gênero, a ternura é um paradigma de convivência que deve ser ganho no terreno do amoroso, do produtivo e do político, arrebatando, palmo a palmo, territórios em que dominam há séculos os valores da vindicta, a submissão e a conquista. (RESTREPO, 2000, p. 13).

---

<sup>2</sup> Descrição creditada ao homem no documentário *Ilhas das Flores*, Porto Alegre, 1989.

<sup>3</sup> Personagem de Ítalo Calvino, na obra *Palomar*.

# I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

Não é uma questão específica a um determinado gênero, mas da luta de inversão de uma lógica incrustada numa couraça naturalizada por toda ordem de violência, que traz em si o desejo de subjugar o outro e detê-lo, como presa e posse. Aí se inscreve a disciplina.

## **Tem hora que eu sou quando... Existenciamos a cidade, as crianças e os animais**

A disciplina *A cidade, as crianças e os animais* foi proposta no final do ano letivo de 2013, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, modalidade mestrado acadêmico, na Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Concretamente surgiu de um desdobramento de uma investigação<sup>4</sup> feita em parceria com a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marita Martins Redin, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, a partir de documentos e pesquisas produzidas por estudantes de Pedagogia das duas universidades sobre imersões na cidade. Na UNISINOS foram coletados dados no período entre 2006 e 2010, numa atividade acadêmica intitulada *Ambientes de aprendizagem*, enquanto na FURG os registros decorreram principalmente do projeto *A qualidade do tempo-espço das crianças riograndinas*, desenvolvido durante o ano de 2012, na disciplina *Metodologia de Ensino de Ciências Sociais*.

Nossas análises se debruçaram mais especificamente sobre a relação das crianças com a cidade e selecionamos uma mostra, organizada por idade, sexo e cidade. Chamou-nos a atenção a incidência dos animais presentes nas respostas a pelo menos uma das quatro indagações apresentados às crianças de vinte e uma localidades<sup>5</sup>, do entorno de São Leopoldo, sede da UNISINOS.

O que é uma cidade? O que mais gosta na cidade? O que menos gosta na cidade? O que você acha que precisa ter na cidade para ser feliz?

Selecionamos uma mostra dos quatro aos doze anos, correspondente a duzentos e sessenta crianças. As respostas cheias de vivacidade, espontaneidade e poesia, encheram-nos de um sentimento de responsabilidade e impregnaram-nos um pouco do “quando infante”, proposição de Manoel de Barros, ao assumir suas três infâncias para existir(se) com/no mundo. Admitimos como nossas algumas dessas percepções.

Encontramos como respostas infantis que expressam a cidade:

---

<sup>4</sup> *A cidade, as crianças e os animais*: geografias enunciadas por olhares infantis (2013).

<sup>5</sup> Porto Alegre, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Esteio, Sapucaia do Sul, Gravataí, Canoas, Viamão, Alvorada, Campo Bom, Carlos Barbosa, Nova Petrópolis, Tupandi, Dois Irmãos, Igrejinha, São Pedro da Serra, Gramado, Canela, Ivoti, Santa Maria do Herval e Portão.

# I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

Tem um monte de casas, cachorrinho, ruas. (Gabriela, 5 anos, Portão).

Minha cidade é o Brasil. Não sei dizer o que é, mas é legal e divertido. Tem árvores, casas, passarinhos, carros. (Mariana, 8 anos, Campo Bom).

Cidade é um monte de pessoas, de carros, de natureza. Tem flores, tem poluição dos peixes, tem sol... (Maísa, 9 anos, São Leopoldo).

Uma cidade é o lugar onde vivemos e convivemos com diversas pessoas e que encontramos beleza como um belo parque ou um zoológico e encontramos feiúra como a poluição de um rio ou uma rua. (Bárbara Cristina, 10 anos, Canoas).

Onde as pessoas moram, tem abelhas, borboletas, árvores, bichos e pessoas. Tem também sinaleiras, posto de saúde, tem esquinas e hospitais. (Raphaela, 11 anos, Canoas).

E sobre o que mais gostam na cidade:

Na cidade do meu pai, gosto porque tem a Belinha (vaca) porque nasceu filhote dela e da Vida (cadela). Na cidade da minha mãe gosto da Redenção que é muito legal porque pode brincar e ir na natação. (Nathália, 5 anos, Porto Alegre: mãe; Viamão: pai).

A escola, os animais que nem o cachorro que vem comer aqui em casa. Do céu e das nuvens. Gosto dessas coisas porque é legal, assim. A gente também aprende com os animais, tem uns que são espertos daí a gente aprende. Gosto da escola porque aprendo, gosto de estudar assim, mais a matemática. (Dérick, 8 anos, São Leopoldo).

A minha casa, a casa dos meus amigos e a escola. Porque na minha casa tem a minha cadela, porque na casa dos meus amigos a gente brinca bastante e na escola porque tem meus amigos e a gente estuda. (João, 9 anos, Gravataí).

E sobre o que menos gostam:

Não gosto da outra rua que fica a casa da minha avó que eu tenho que ficar quando a minha mãe vai no médico, porque tem que passar pelo rio que tem tubarão, peixes. (Maysa Yasmin, 5 anos, São Leopoldo).

Não gosto quando tem acidentes, quando machucam os animais, quando vejo pessoas morando na rua. (Natália, 7 anos, São Leopoldo).

De ver lixo espalhado na rua. Ver os animais doentes, cheios de pulga que as pessoas não cuidam. Cheio de lixo espalhado na rua como é que a gente vai caminhar? Não gosto de árvores serem cortadas, porque a natureza ajuda o vento a tirar a sujeira do ar que a gente respira. Mas, às vezes, tem que cortar as árvores para fazer papel. Não gosto quando as pessoas brigam. Por que ter violência? Se pega machuca outra pessoa, depois ela vem e ficam desentendidos e não tem amigo. (Dérick, 8 anos, São Leopoldo).

O bar do Beto, bar da esquina da escola e a casa do meu Júlio porque tem muitos passarinhos presos. (Alice, 10 anos, Gravataí).

E, ainda, sobre o que desejam para tornar a cidade melhor/mais feliz:

Gostaria que os rios fossem limpos e o arroio Gauchinho também para que tivesse peixe. (Talita, 4 anos, São Leopoldo).

Tinha que ter um monte de bicho. Minha vó mora em Porto Alegre e lá não tem bicho. Na Brás tem eu brinco e dou ração (cachorro). É bom, se vem bandido pra morder e salvar a gente. (Eduarda Larissa, 5 anos, Portão).

Que tivesse uns burrinhos que eu acho legal, só tem cavalos. E que tivesse palhaços. (Fábio, 6 anos, São Leopoldo).



## I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

Queria que tivesse um anjo azul, árvores cheias de maçãs e um zoológico. (Adriano José, 7 anos, Tupandi).

Eu queria que tivéssemos uma pista de skate para mim andar. Queria que as pessoas parassem de brigar, parassem de fazer violência. Queria que tivesse bastante animais. (Dérick, 8 anos, São Leopoldo).

Eu queria que tivesse um parque de diversões, um parque aquático, um zoológico, menos poluição e que as pessoas se amassem mais. (Liane Maria, 12 anos, Tupandi).

As percepções infantis sobre o espaço da cidade nos alertam e sugerem a necessidade de ações urgentes na educação de modo que, logo ali, as crianças não sejam capturadas na armadilha do cientificismo concretizado em classificações biológicas, naturalizações de violências contra os animais e nas (falsas) proposições que os hierarquizam segundo os interesses da nossa espécie ou dos princípios mercadológicos e produtivistas.

Colocar os animais no centro de debates ético-existenciais desdobra repensar a maneira como a escola e também nós nas salas de aula universitárias, temos focado o assunto. Restrepo critica a forma como a escola educa as crianças no campo da ternura e da afetividade. Para ele “as salas de aula, tão propícias à formulação de uma verdade abstrata e metafísica, não parecem sê-lo ao tema da ternura. Há vários séculos a ternura e a afetividade foram desterradas do palácio do conhecimento” (2000, p. 21). A idéia de uma ciência neutra, desprovida de emoções e absolutamente antropocêntrica tem atravessado a sociedade e gerado uma espécie de anestesia em relação à maneira como outras formas de vida são percebidas. O utilitarismo está na base da violência e da exploração dos animais.

Acostumamos a secar folhas em prensas, matar e espetar insetos, empalhar animais, exhibir (ou tolerar) cabeças de caças como troféus... (Nem sabemos se vale citar o extremo da barbárie humana que assassinou Cecil, símbolo do Zimbábue...) É uma forma de conhecer pela imobilização e/ou eliminação do outro e isso é levado também para a vida social. “A frieza do discurso científico não é outra coisa que uma expressão das lógicas de guerra que se inseriram na produção do conhecimento, sem que possamos converter esta deformação histórica em único parâmetro de validade” (RESTREPO, 2000, p. 28).

Entretanto, como continuar a defender tais posições ou, por outra, a prorrogar tal modelo de educação, em um contexto de graves crises paradigmáticas, que coloca inclusive a vida de grandes contingentes humanos em xeque? Como virar às costas para animais humanos cujas vidas são arriscadas diariamente pela mera sobrevivência? Perguntas como essas abundam na contemporaneidade e deixam ver a ponta do *iceberg* do analfabetismo emocional e afetivo (RESTREPO, 2000) que tem nos forjado. Nus, estamos nus... Cobertos de ignorância e dor! Das muitas respostas que elaboramos quase nenhuma

## **I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES**

serve mais. Deixamos que quinquilharias e espelinhos adentrassem intimamente nossa morada e, quase (?), desistimos de nós, seja lá quem formos. Insistimos, porém, em fazer de nossas práxis diárias um terreno de novas possibilidades, de discussões e uma utopia concretizável... Queremos caminhar. Desejamos um mundo sem crianças massacradas por guerras étnicas, econômicas e religiosas e cidades mais acolhedoras para todos. De preferência sem cinquenta e três bilhões de animais mortos pela indústria ou torturados em laboratórios ou, ainda, assassinados enquanto são chicoteados por seus “donos”. Sabemos que grandes mudanças não são realizadas por uma única pessoa, como um fato isolado. É necessário preparar o terreno e tensionar o debate, no “miúdo das relações” (CERTEAU, 1998), como no micro universo das salas de aula, seja da escola ou da universidade.

Cresce em boa parte do mundo movimentos, como o vegano, totalmente embasado noutro modelo comportamental e vivencial. Nesta perspectiva considerar o bem estar animal hoje, levará à abolição da exploração animal. “Não podemos justificar esta matança baseados na idéia de que ela é natural porque os humanos comem animais há milênios. O fato de estarmos fazendo uma coisa há muito tempo não quer dizer que essa coisa seja moralmente boa” (ABOLITIONIST APPROACH, 2015, n.p.).

Os números aterradoros sobre a morte de animais no planeta, a maioria morta para a produção de comida – cinquenta e três bilhões por ano (sem contar peixes e outros animais marinhos), segundo a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação – FAO (idem, 2015) nos assustam e desafiam a novos comportamentos e refazeres econômicos, políticos, sociais e culturais.

Como sulistas criadas em região de criação de gado para abate, trata-se de um exercício de entortar a mente, reposicionar o coração, ressignificar maneiras de relacionar-se socialmente, inclusive. É isso que as crianças tratam de procurar ensinar pelo que vimos nos depoimentos sintetizados anteriormente. Este menino, por exemplo, questionado sobre o que precisa ter na cidade para que seja mais feliz respondeu: “Um monte de pessoas que gostassem das coisas bonitas”. (Alex, 6 anos, Novo Hamburgo). Nas paisagens da cidade animais, pessoas, vegetais e outras formas de vida não surgem hierarquizadas. As crianças percebem também a face mercantilizante da cidade e sugerem um espaço para todos, inclusive os animais não humanos. Negam-se a aceitar maus tratos, abandonos, irresponsabilidades e violências! Beleza e feiúra aparecem lado a lado na relação entre pessoas e animais na cidade apreendida pelas crianças (CHAIGAR & REDIN, 2013).

## I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

As percepções nos encantaram e indicaram a possibilidade de aprendizagens com suas poéticas infantis e embasadas em paradigmas emergentes. Nessa direção temos procurado mobilizar nos cursos de graduação que licenciandos se atentem para o que as infâncias estão a – tentar – nos dizer e compreendam que as crianças são protagonistas do espaço presente e não de – quem sabe? - um devir futuro. Ao mesmo tempo estimulamos que esses jovens discentes produzam conhecimento sobre o tema, ainda que levando em conta o nível de formação em que se encontram, sua experiência de vida e o escopo teórico sobre o tema ainda em construção. A licenciatura, portanto, constitui-se em lócus de produção de conhecimento que está a influenciar, inclusive, na pós-graduação em nossa universidade. Essa produção tem-nos servido como fonte para reflexões e teorizações e gerado movimentos nascidos da empiria, como a criação da disciplina *A cidade, as crianças e os animais*, no mestrado em educação da FURG.

### **Tem hora que eu sou quando... Construimos as memórias do agora**

Entendemos, apesar de nossas produções ainda embrionárias, que versa de um tema emergente, mas ainda com escassa produção no que tange a sua relação com a educação, sobretudo a formal. Como se trata de uma disciplina experimental, tanto o referencial teórico quanto a metodologia estão em construção, mas intencionalmente ancorada em obras de escritores que percorrem (também) o universo animal como Ítalo Calvino, Ferreira Gullar, Juan Ramon Jimenez, Manoel de Barros, Virgínia Wolf, Willian Burroughs, entre outros. Tomamos como base os discentes, suas experiências e inserções nos movimentos sociais, na escola, na vida cotidiana. Inspiramo-nos claramente na aptidão de subversão do sujeito “ordinário” (CERTEAU, 1998), em suas ilimitadas capacidades de (sobre)viver a ordens *pasteurizadas* e, apenas na aparência, incapazes de serem transgredidas.

Duran (2007), tendo igualmente como referência o historiador Michel de Certeau, pondera sobre maneiras de subverter as classificações restritivas:

Na perspectiva da racionalidade técnica, o melhor modo possível de se organizar pessoas e coisas é atribuir-lhes um lugar, um papel e produtos a consumir. Certeau, ao contrário, nos mostra que “o homem ordinário” inventa o cotidiano com mil maneiras de “caça não autorizada”, escapando silenciosamente a essa conformação. (DURAN, 2007, p. 119).

Também desejamos reagir a esse enquadramento. Entendemos que podemos pensar e agir na direção de outros jeitos de inventar a vida e vivê-la, subterraneamente, se

## I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

necessário for. Para tal, na disciplina, temos como objetivos principais: Oportunizar estudos e aprendizagens a partir de abordagens menos utilitaristas sobre a vida e espécies não humanas; investigar no espaço local a relação entre cidade, crianças e animais; produzir material teórico e didático. Na edição atual, a disciplina pretende uma ação mais pró-ativa, com intervenções mais objetivas nos espaços-tempos dos sujeitos que a produzem, ao longo do segundo semestre de 2015.

A disciplina em sua primeira edição, em 2014, foi editada sob a forma de Tópico Especial e desenvolvida através de encontros quinzenais ao longo de todo o ano. A princípio ocorreria apenas no primeiro semestre com carga horária de trinta horas, porém ao chegarmos ao final do período percebemos que a ‘ementa’ era muito maior do que o tempo que lhe fora destinado e, a pedido dos estudantes, propusemos e obtivemos aceite do Conselho do Curso passando para quarenta e cinco horas, no decorrer desse ano.

Optamos por um trabalho dialógico em que interesses e ações particulares intercambiassem com as coletivas. Elegemos uma leitura comum a partir da obra “O direito à ternura”, de Luiz Carlos Restrepo, mas cada discente também optou por leituras particulares e a organização de trabalhos voltados para seus interesses específicos. A disciplina contou com a participação de colegas em sua organização vindos de diferentes áreas, como da infância, da filosofia, da arte e da sociologia. Aos poucos reunimos um referencial fartamente irrigado pela literatura e pelo cinema. Assistimos e debatemos filmes, documentários, curtas-metragens e peças publicitárias, além de lermos romances, cartas, crônicas e contos envolvendo os temas da disciplina.

Entre as causas estudadas destacaram-se o veganismo, os animais domésticos, os animais na literatura e a relação entre crianças e os animais nativos do TAIM<sup>6</sup>. Este é o primeiro trabalho de mestrado derivado da disciplina, e se encontra em fase de construção do relatório de pesquisa. Um segundo trabalho sobre a relação dos cegos e a/cidade, encontra-se na etapa da construção do projeto de qualificação. Como peças de um quebra-cabeça, sem a menor intenção de completar-se, pouco a pouco, *A cidade, as crianças e os animais* ganha forma, matizes, conteúdos conforme as pessoas que brincam...

Consideramos nesta segunda oferta da disciplina uma qualificada demanda que se explicita menos pela quantidade e mais pela presença de sujeitos que estão na vanguarda de movimentos sociais em favor dos direitos dos animais (humanos e não humanos),

---

<sup>6</sup> Estação Ecológica do TAIM, localizada entre os municípios do Rio Grande e de Santa Vitória do Palmar, ao sul do Rio Grande do Sul.

# I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

sobretudo ligados à educação especial, aos anos iniciais e à educação não formal, como ONGs e iniciativas particulares – os sujeitos “praticantes” (CERTEAU, 1998) da cidade.

Obtivemos, em síntese, ao longo desses dois primeiros anos de oferta da disciplina, aumento da sua carga horária e da sua demanda, dois projetos de pesquisa (um em fase de qualificação e outro com o relatório em construção), 15 matriculados, aproximações de ONGs e de escolas da cidade do Rio Grande, RS, além de parcerias com colegas professores da FURG e de outras universidades da região.

Ao revolvermos em nossas memórias o *quando* atribuidor de sentidos, para além daqueles ditados pelo tempo linear (e insosso), e ao tentar enunciar a disciplina *A cidade, as crianças e os animais*, voltamos, novamente, para a gramática de Manoel, para colocar uma pausa – preferimos ao ponto – nesta reflexão: “Nesse tempo a gente era quando crianças. Quem é quando criança a natureza nos mistura com as suas árvores, com as suas águas, com o olho azul do céu”. (BARROS, 2008, p. 113).

## Referências:

- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: As infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2008.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. (v. 2, Morar, cozinhar).
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- CHAIGAR, Vânia Alves Martins; REDIN, Marita Martins. A cidade, as crianças e os animais: geografias enunciadas por olhares infantis. **XII Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia** – ENPEG. João Pessoa, 2013. (E-Book).
- DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- DIREITOS ANIMAIS: A abordagem abolicionista. Disponível em: <http://www.abolitionistapproach.com/> Acesso: 06/9/2015.
- DUARTE JR., João-Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 7. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2002.
- DURAN, Marília Claret Geraes. Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau. **Diálogo Educacional**. Curitiba, v. 7, n. 22, p. 115-128, set./dez. 2007.
- GALEANO, Eduardo. **Bocas do Tempo**. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. Tradução: Lúcia M. Endlich Orth. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- SARAMAGO, José. Reparar outra vez. **Outros Cadernos de Saramago**. Disponível em: <http://caderno.josesaramago.org/30069.html> Acesso: julho de 2015.